

O Diálogo de Saberes, na Promoção da Agroecologia na Base dos Movimentos Sociais Populares

Dialogue of Knowledge, in the Promotion of Agroecology at the Base of Popular Social Movements

TONÁ, Nilciney. MST/PR, nilciney@yahoo.com.br;
GUHUR, Dominique M. P. MST/PR, dominiqueguhur@yahoo.com.br

Resumo

Busca-se analisar a contribuição do “Diálogo de Saberes” à promoção da Agroecologia, na base dos movimentos sociais, em especial o MST. Destaca-se sua importância para a construção de uma nova postura de ação técnica-política nos assentamentos e comunidades de base camponesa. Aponta para uma particular validade no diálogo dos diferentes saberes (científico e popular/tradicional). Pode ser considerada uma forma de produção de conhecimento sobre as particularidades dos agroecossistemas, através da síntese entre saber popular e conhecimento científico. Na forma que se propõe, pode ser considerado como pesquisa militante.

Palavras-chave: Produção de conhecimento, conhecimento científico e saber popular, MST, relação técnico-camponês.

Abstract

It seeks to analyze the contribution of the "Dialogue of Knowledge" to the promotion of Agroecology at the base of social movements, especially the MST. It is their importance for the construction of a new position of technical and political action in the settlements and the basic peasant communities. Points to a particular validity in the dialogue of different knowledge (scientific and popular /traditional). Can be considered a form of production of knowledge about the particularities of agroecosystems, namely through the synthesis between popular and scientific knowledge. As it proposes, can be regarded as militant research.

Keywords: *Production of knowledge, scientific and popular knowledge, MST, technical-peasant relationship.*

Introdução

A presente pesquisa aborda como objeto de estudo o “Diálogo de Saberes, no encontro de culturas”, uma experiência inovadora que vem sendo desenvolvida nos espaços formativos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, e da Via Campesina, em especial, nos cursos formais/escolares de Agroecologia, no estado do Paraná. Os pesquisadores são membros do MST, responsáveis pelo acompanhamento às escolas técnicas do MST no Paraná. Trata-se de um método de atuação técnica-política na organização da população base dos Movimentos Sociais Populares do Campo (em especial o MST), na perspectiva de promoção da agroecologia e de formação política, e cuja proposta merece uma reflexão aprofundada. Neste artigo nos propomos analisar, ainda que de maneira inicial, a contribuição do Diálogo de Saberes à promoção da Agroecologia, na base dos movimentos sociais, em especial o MST. Buscamos contextualizar sua origem, expor seus fundamentos e principais características, bem como discutir alguns aspectos mais relevantes. Também investigamos as possibilidades de produção de saber que a proposta enseja, sobre o manejo de agroecossistemas. Esperamos, com isso, contribuir criticamente para a sua construção.

Origem e fundamentos do Diálogo de Saberes

Resumos do VI CBA e II CLAA

A temática de nossa investigação está enraizada no movimento social denominado “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST”. Oficialmente fundado em 1984, o MST somou-se a outros movimentos camponeses de todo o mundo na constituição da Via Campesina Internacional, em meados da década de 1990.

Por entender que o modelo convencional de agropecuária, implementado a partir da modernização conservadora do campo no Brasil, e adotado na maioria dos assentamentos de reforma agrária, traz consigo uma série de conseqüências negativas e inclusive contraditórias com seu projeto político, o MST define-se, de maneira mais evidente a partir do ano 2000, por desenvolver um projeto popular de desenvolvimento do campo, baseado noutra matriz tecnológica – a agroecologia. Esta definição política demandará um esforço por construir as condições concretas de massificação e consolidação da nova matriz. É nesse sentido que, no Paraná, começam a ser criados os cursos técnicos em agroecologia, nas escolas e centros de formação do MST, e que vai se conformando a proposta do Diálogo de Saberes.

O “Diálogo de Saberes” é um método que pretende orientar as relações entre técnicos e camponeses, e destes entre si, que vem sendo formulado e organizado a partir da demanda dos movimentos sociais do campo por organizar a produção da existência em bases agroecológicas, como forma de resistência às investidas do agronegócio.

Seu objetivo é “a busca de um sistema de compreensão e planejamento dos agroecossistemas familiares ou coletivos, partindo-se da história dos indivíduos-sujeitos envolvidos e o ambiente que questionam, de modo a valorizar seus processos históricos”, mas que diante e, além disto, busca “correlacioná-los e problematizá-los à luz da história da agricultura e dos movimentos sociais a que pertençam e das potencialidades e limitações ecológicas e agrícolas do ambiente local, de modo a alcançar o desencadeamento da experimentação em agroecologia” (TARDIN, 2006).

No campo mais geral da concepção do método, há uma grande contribuição de Paulo Freire, uma vez que o que se propõe é o estabelecimento do diálogo entre técnicos e camponeses, enquanto sujeitos educando - educadores, entre a experiência histórica das comunidades camponesas e a experiência e conhecimentos sistematizados escolares/acadêmicos, contribuindo para novas sínteses de conhecimentos, novas práticas e relações. A partir do conceito freiriano de “invasão cultural”, e de suas implicações diretas na consciência (mágica, ingênua), e na busca pela consciência crítica, é que se vai estabelecer o diálogo em superação ao anti-diálogo. Também se busca em Freire os instrumentos que orientam o diálogo numa perspectiva problematizadora: os “Temas Geradores”, deduzidos de situações-limite e contradições; e seu processo de “codificação” e “decodificação” (FREIRE, 1987, 1992).

Descrevendo o Diálogo de Saberes

Metodologicamente, a iniciativa pode acontecer com uma família ou com coletivos, onde se dará o planejamento e ação nos agroecossistemas. Na base de um movimento social, o ponto de partida e os passos estão subordinados aos seus objetivos, princípios e valores e articulados à dinâmica deste movimento. Uma descrição dos passos que constituem o método foi primeiramente organizada por Toná (2008).

O primeiro momento de encontro com a intenção do diálogo tem como ponto de partida a história de vida da família camponesa, relacionando-a com a história da agricultura e do movimento do qual faz parte, buscando politizar a existência das pessoas, e abrindo oportunidade de aproximação entre os sujeitos do processo. O próximo passo é (re) conhecer em conjunto o ambiente/espço manejado pela família ou coletivo (seu agroecossistema), levantando-se através de instrumentos diversos, dados de infra-estrutura, paisagem, biodiversidade, organização e

Resumos do VI CBA e II CLAA

necessidade de trabalho e distribuição ao longo do ano, dentre outras. O passo seguinte é a sistematização e análise das informações, tanto com a fala dos camponeses e camponesas, buscando um “registro vivo” do que foi falado, quanto dos subsistemas (partes do agroecossistema), destacando suas potencialidades e limites ecológicos, econômicos e agronômicos, para daí discutir a possibilidade de introdução de novas práticas, arranjos no sistema e/ou, reorganização do trabalho.

Deve-se ainda utilizar informações secundárias que possam contextualizar e ampliar a análise. Para evitar juízos de valor ou outros equívocos de ordem pessoal, destaca-se que “os critérios de análise são os objetivos estratégicos, os princípios e valores do movimento social camponês a que pertençam e os conceitos aplicados da agroecologia” (TARDIN, 2006). A cada etapa seguinte se procura problematizar o que a família percebe de si e do agroecossistema ou paisagem, e conhecer mais detalhes. Na seqüência, evidencia-se uma diferença em relação às abordagens convencionais. A partir do diagnóstico e análise, o que se “devolve” às famílias ou coletivos não são propostas técnicas prontas, mas, de acordo com Tardin (2006), tanto nas histórias de vida quanto no aspecto de organização da produção caberá situar “temas geradores à problematização, que então orientarão o diálogo”. Pode-se aqui definir, decorrente desta problematização, experimentações em vista de manejar de modo agroecológico o ambiente, seja no aspecto da produção agropecuária, infraestrutura, hábitos domésticos ou outros, que dêem resultados concretos para as famílias. E ainda como pode dar-se o monitoramento e avaliação da sustentabilidade do agroecossistema

Contribuições do Diálogo de Saberes à promoção da Agroecologia

O método possivelmente venha ao encontro da práxis dos sujeitos em um agroecossistema, na medida em que possa contribuir para o desvelamento da necessidade real da agroecologia para as famílias e sua organização, para a reprodução social de sua existência e seu projeto político. Ao problematizar sua ação no mundo e valorizar o que os sujeitos têm construído que seja coerente com a perspectiva histórica do grupo social e da classe da qual fazem parte, o Diálogo de Saberes estimula, de um lado, o manejo dos agroecossistemas na perspectiva da agroecologia, e de outro, um vínculo organizativo cada vez maior com os movimentos sociais, dado pela necessidade de resistência dos camponeses neste momento histórico, e da busca pela superação desta condição, através da luta política.

Os próprios instrumentos de leitura da realidade podem ser apropriados pelas famílias, que potencialmente podem influenciar outras, construindo novas práticas culturais, e os técnicos tem, assim, seu protagonismo relativizado, passando cada vez mais à condição de colaboradores no processo.

Diálogo de Saberes como modalidade de pesquisa e produção do conhecimento

A agroecologia demanda a experimentação/investigação constante por parte dos sujeitos envolvidos. No Diálogo de Saberes, estimula-se a experimentação pelos camponeses e camponesas, desde as formas mais simples até mais complexas e controladas, entendendo que ela pode motivar novos passos, até um planejamento (“desenho”) dos agroecossistemas.

Assim, os camponeses e camponesas podem alcançar patamares maiores de autonomia em sua prática produtiva, podendo converter-se realmente em sujeitos. Partindo da necessidade de uma intimidade com os processos naturais e socioeconômicos e culturais, seu trabalho tem potencial para ser criativo, de constantes descobertas. Deste modo, a práxis é à base do processo de construção da Agroecologia, exigindo mergulhar na construção do conhecimento. É nesse contexto que os saberes diferentes dialogam. O Diálogo de Saberes reconhece o conhecimento dos sujeitos do campo (saber popular), testado pela observação durante longos períodos,

Resumos do VI CBA e II CLAA

articulando-o/questionando-o com conhecimento mais sistematizado, dito científico, produzindo novas sínteses.

No campo da metodologia de pesquisa, podemos entendê-lo como, “pesquisa militante”. Na pesquisa militante, conhecimento popular e conhecimento científico não são concebidos como antagônicos, mas articulados e complementares. “Porém, o conhecimento científico é uma exigência imperiosa, para desvendarmos a fetichização da realidade. O saber científico é a superação do saber popular, no sentido do seu desocultamento (e não a acepção pedante de 'superioridade')” (GOHN, 1984).

Considerações finais

O Diálogo de Saberes é uma experiência em construção nos movimentos sociais, carecendo ainda de mais elaboração e sistematização, seja sobre sua fundamentação, metodologia ou resultados. Contudo, os primeiros resultados deste processo, sobretudo a partir dos cursos de Agroecologia no Paraná, já mostram sua importância como um método possível para construção da nova postura de ação técnica-política nos assentamentos e comunidades de base camponesa. Aponta para uma particular validade no diálogo dos diferentes saberes, principalmente daqueles relativos ao manejo dos agroecossistemas, colocando frente a frente o conhecimento científico e o popular/tradicional, que camponeses e camponesas constroem, cuja validade (correspondência com o real) tem sido demonstrada. Mesmo que os camponeses não consigam explicar o que percebem, o senso comum, neste caso, demonstra ter um “núcleo” de bom senso.

O Diálogo de Saberes pode ser considerado uma forma de produção de conhecimento sobre as particularidades dos agroecossistemas e a complexidade que isto envolve, através da síntese entre saber popular e conhecimento científico. Na forma que se propõe, pode ser considerado como pesquisa militante.

Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GOHN, M.G. A pesquisa das ciências sociais: considerações metodológicas. *Caderno Cedes*, Campinas, n.12, p.3-14, 1984.
- TARDIN, J.M. *Diálogo de saberes no encontro de culturas*. Lapa, 2006 (mimeo).
- TONÁ, N. *Elementos de Reflexão sobre o “Diálogo de Saberes” nas experiências formativas dos movimentos sociais no Paraná*. 2008. 21 f. Monografia (Curso de Extensão Teorias Pedagógicas e Produção do Conhecimento) - Escola Nacional Florestan Fernandes- /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Guararema-SP. 2008.